

A HORA DERRADEIRA DE
HOMENS E MULHERES
AFRICANOS E SEUS
DESCENDENTES: alguns
apontamentos sobre os
óbitos, Santo Amaro,
Sergipe, 1802-1835

Joceneide Cunha dos Santos*

THE LAST HOUR OF AFRICAN
MEN AND WOMEN AND THEIR
DESCENDANTS: some notes on
deaths, Santo Amaro, Sergipe, 1802-
1835

RESUMO

Alguns historiadores têm se dedicado a pesquisar africanos e seus descendentes através dos registros de óbitos. Identificando as nações, alguns ritos ligados à morte, às doenças, dentre outros. Este texto tem como finalidade identificar as nações africanas nos registros de óbitos da Freguesia de Santo Amaro em Sergipe e apontar os locais que esses africanos foram sepultados. Esta era uma importante Freguesia no decorrer dos Oitocentos, caracterizada pelo cultivo de cana de açúcar. As fontes usadas foram os registros de óbitos, testamentos e inventários.

ABSTRACT

Some historians have been devoted to researching Africans and their descendants through death records. Identify in nations, some rituals connected to death, disease, among others. This paper aims to identify the African nations in the death records of the Parish of Santo Amaro in Sergipe and point out the places that these Africans were buried. This was an important Parish during the nineteenth century, characterized by the cultivation of sugar cane. The sources used were the death records, wills and inventories.

* Doutora em História Social pela Universidade Federal da Bahia (2014). Professora da Universidade do Estado da Bahia. Endereço eletrônico: joceneidecunha@gmail.com

No dia primeiro de maio de 1832, possivelmente, José Guedes, um africano com sessenta anos foi mordido por uma cobra e faleceu em decorrência do veneno do animal. José Guedes, forro, viúvo de Rosa de Tal, tinha 60 anos, e provavelmente foi vitimado pela cobra nas suas atividades laborais no campo.¹ O africano foi enterrado no dia seguinte na Capela do Rosário que ficava situada na Vila de Santo Amaro. Provavelmente os sinos da citada Capela tocaram anunciando o sepultamento, que foi realizado sem ele ter todos os sacramentos.

No seu registro de óbito, realizado pós 1830, há a menção que ele era um africano. Ele não deixou de ser apontado dessa maneira no momento derradeiro e, possivelmente, o lugar em que alguns foram enterrados está ligado a esse elemento identitário, quicá os cortejos fúnebres também. Esses e os sepultamentos marcavam o cotidiano Oitocentista e alguns deles possuíam bastante pompa, incluindo os de africanos e seus descendentes. Principalmente para os africanos que faziam parte das irmandades. Os irmãos eram convocados, saíam acompanhando o corpo até o lugar do sepultamento. Rosa Benedita, da Guiné, irmã da Irmandade do Rosário da Vila de Santo Amaro, solicitou ser enterrada com o hábito de São Francisco, acompanhada pelo Reverendo e mais três sacerdotes. Ela não quis a missa de corpo presente, pois, mesmo sendo irmã do Rosário, essa missa seria um gasto que ela não podia arcar. Requereu ainda no seu testamento as duas capelas de missa costumeiras e ser enterrada na Capela do Rosário.² Ou seja, a Rosa Benedita teve um cortejo fúnebre com a presença dos seus irmãos e dos quatro padres. E, como Rosa Benedita, diversos homens e mulheres escravizados e forros foram enterrados no Rosário em Santo Amaro.

Este breve artigo tem como objetivo identificar as nações que foram registradas nos óbitos da Freguesia de Santo Amaro, única Freguesia das terras sergipanas que possui registros de óbito anteriores à década de 1830.

¹ Arquivo da Paróquia de Santo Amaro, livro de batismo 3, 02/05/1832, registro de José Guedes, p.17.

² AGJSE, Cartório de Santo Amaro, Inventariado *post mortem* de Rosa Benedicta, 20/02/1816, Caixa 01/1764.

Período em que as informações sobre as nações dos africanos são menos escassas. Neste artigo também apontarei alguns elementos sobre os rituais ligados à morte desses homens e mulheres africanos e dos seus descendentes. Foram pesquisados três livros de óbito da Paróquia de Santo Amaro que cobrem o período de 1802 a 1835, e também citarei alguns inventários *post-mortem*. Os dados foram quantificados e analisados os indícios.³

No entanto, no intervalo entre 1816 e 1825 não há registros de óbitos para a Freguesia de Santo Amaro. Vários párocos ao longo do tempo fizeram esses registros e, com isso, as informações mudaram de acordo com a época e com o pároco, sendo alguns mais cuidadosos que outros na feitura desses óbitos. Entre 1802 e 1805, as informações sobre as nações são parcas nos registros de óbito, apenas no último ano citado começam aparecer registros dos minas e angolas. Após 1832, as nações africanas desaparecem dos registros, e a grande distinção passou a ser se eram africanos ou nascidos no Brasil e, para esses, as cores eram apontadas. Outro elemento apontado era a condição se escravizado ou forro. Ressalto que o Reverendo Gonçalo Pereira Coelho ocupou esse cargo na Freguesia de Santo Amaro por no mínimo 20 anos. Assim, a omissão das nações fazia parte da política de esconder quais eram as nações africanas, sobretudo para não evidenciar as que eram provenientes do Norte da Linha do Equador. Para analisar os óbitos dividi os registros em duas fases, a primeira de 1802 a 1815, e depois de 1826 a 1835. Esse marco leva em consideração as primeiras leis que tornaram ilegais o tráfico de africanos.

As Constituições do Arcebispado da Bahia possuíam uma série de normas sobre os sepultamentos e os sacramentos da Igreja Católica. Os sacramentos eram o batismo, confirmação, eucaristia, matrimônio, penitência, extrema unção e ordem. E esses sacramentos, excetuando a ordem, deviam também ser realizados com os escravizados, incluindo os africanos. A extrema unção em alguns casos incluía a comunhão, unção com óleos e alguns casos a confissão. Os padres, ao saberem

³ GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp.143-179.

que havia um doente em estado grave, deviam fazer a extrema unção com todos os aparatos, e a família ou os responsáveis pelo enfermo deveriam chamar o padre para fazer o procedimento. As Constituições previam punições para a família que não chamasse o padre. E, para este, quando se negasse a fazer a extrema unção. João Reis narra algumas procissões do viático, termo dado à ida do vigário à casa do moribundo em Salvador e no Rio de Janeiro. O moribundo, quando era irmão de alguma Irmandade, seus confrades acompanhavam o cortejo até a casa do doente. As pessoas quando viam a procissão na rua se curvavam e a casa do moribundo recebia incensos e folhas para a chegada da procissão.⁴ Algumas perguntas deviam ser feitas ao doente, mesmo sendo escravizados, neste caso o questionário era abreviado, pensando principalmente nos africanos. As perguntas eram as seguintes:

O teu coração crê tudo o que Deus disse?
O teu coração ama só a Deus?
Deus há de levar te para o Céu?
Queres ir para aonde está Deus?
Queres morrer porque Deus assim quer?⁵

As respostas para todas as perguntas eram sim. No entanto, na extrema unção, ainda havia a necessidade de tradutores quando os homens e mulheres africanos não compreendiam o português, e quando os padres também não sabiam se comunicar na língua do africano. Lembro que alguns padres transitaram pelas duas margens do Atlântico e que houve incentivo para que eles aprendessem os idiomas dos africanos.

Em Salvador e no Rio de Janeiro, as Santas Casas ocupavam um lugar importante nos sepultamentos dos escravizados. Em Salvador,

⁴ REIS, João J. *A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp.84.85

⁵ VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia. 1707*, pp.221-222.

os banguês foram usados para enterrar os escravos e o sepultamento custava 800 réis. Os registros dos banguês são uma importante documentação para estudar os centro-ocidentais e muitos deles enterrados logo após sua chegada à Bahia, sem batismo. Através dessa documentação percebe-se que os angolas, os benguelas, dentre outros, entraram nas terras baianas, ainda os nomes dos traficantes e que algumas pessoas de Luanda enviavam seus escravizados para Salvador. Já nos registros de óbito da Sé, os mina foram majoritários, seguidos dos jejes.⁶ Lembro que essa Freguesia para Eugênio Pares foi fundamental para a formação de uma identidade jeje em Salvador.⁷ Mary Karash também identificou diversas nações africanas na documentação da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro nos Oitocentos.⁸

A Santa Casa da Misericórdia de São Cristóvão diferentemente da de Salvador não tinha um cemitério, nem esquifes. Apenas os irmãos da Santa Casa possuíam uma tumba no interior da Capela para os irmãos. Possivelmente os arredores da Igreja e o interior dela eram os lugares preferidos para serem enterrados. José Thiago Silva Filho cita em sua monografia as cobranças que a Santa Casa fazia para os irmãos devedores e proprietários de escravos, que esses deveriam quitar suas dívidas para que eles e seus escravos fossem enterrados.⁹ Ou seja, a Santa Casa também era um espaço de enterros dos escravos dos irmãos desde que esses tivessem com as contas com a Santa Casa Irmandade. Além desse espaço, a Capela da Irmandade do Rosário da Cidade de São Cristóvão também foi usada como local de enterros dos escravizados e libertos.

⁶ SILVA Junior, Carlos Francisco. *Identidades afro-atlânticas: Salvador, século XVIII (1700-1750)*. Salvador: UFBA, 2011. (Dissertação de Mestrado)

⁷ SOARES, Carlos Eugenio Líbano. “INSTRUÍDO NA FÉ, BATIZADO EM PÉ”: batismo de africanos na sé da Bahia na 1ª metade do século XVIII, 1734-1742. In: *Afro-Ásia*, 39 (2010), 79-113.

⁸ KARASH, Mary C. *A vida dos escravos: no Rio de Janeiro 1808-1850*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁹ SILVA FILHO, José Thiago da. *Servindo à Alma e ao Corpo: A Santa Casa de Misericórdia de São Cristóvão-Se (séc. XVII e XIX)*. (monografia de Licenciatura) São Cristóvão: Departamento de História/UFS, 2000.

Outras normas que constavam nas Constituições eram sobre os sepultamentos. Os senhores deviam custear os enterros de seus escravos. Alguns senhores obedeciam as recomendações pagando os enterros e mandando rezar as missas pelas almas dos escravizados falecidos, outra regra prevista. No entanto, muitos escravizados, africanos e nascidos no Brasil, não tiveram seus sepultamentos registrados, foram enterrados em fazendas, largados em matos ou deixados nas estradas. Esses não tiveram seus sepultamentos registrados. As Constituições do Arcebispado condenavam essa postura do senhor, e ainda estipularam uma multa para os senhores que o assim fizessem.¹⁰ No entanto, possivelmente inúmeros escravizados tiveram esses destinos.

Identifiquei alguns enterros de escravizados que foram pagos por senhores. Em 1814, Bento crioulo vivia na Vila de Santa Luzia e já era idoso. Ele adoeceu e seus senhores tiveram gastos para curá-lo, talvez tenham pago um barbeiro para cuidar do citado Bento, mas ele não resistiu à doença e foi a óbito. Foi vestido com uma mortalha e sepultado possivelmente em terreno cristão. Os gastos com a doença, mortalha e enterro somaram 4\$060 réis.¹¹ Lembro que na Vila de Santa Luzia e na povoação havia irmandades do Rosário dos Homens Pretos, e talvez ele tenha sido enterrado no solo cristão dos seus.

Em Santo Amaro, nos inventários de alguns senhores também constavam as prestações de contas e em alguns deles há enterros de escravizados. Em 1825, Antônio Pinheiro devia 5\$040 réis do enterro de três escravizados.¹² E Ana Joaquina de São José também devia diversos enterros. Nos anos de 1822, 1824, 1828 e em 1831 foram enterrados escravizados dela na Capela do Rosário e por isso ela devia 23\$780 réis com sepultamentos.¹³

¹⁰ VIDE, D. Sebastião Monteiro da. Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia. 1707, p.295

¹¹ A mortalha custou 1\$280, o sepultamento foi o mesmo valor e os gastos com doença 1\$500 réis; Vê em: AGJSE, Cartório de Estância, cx. 09.489, 25/08/1813, Inventariada: Anna Eufemia Maria da Conceição.

¹² AGJSE, Cartório de Maruim, cx.809, 1825, inventariado: Antônio Pinheiro.

¹³ AGJSE, Cartório de Maruim, cx.810, 1833, prestação de contas do testamento de Anna Joaquina.

Esses enterros dos escravizados deviam ocorrer de forma mais simplificada, pois os custos dos sepultamentos dos forros eram muito mais altos. Mesmo quando estes faziam parte da Irmandade. Os custos do enterro de Rosa Benedita foram de 18\$140 réis. Valor que foi utilizado para pagar a mortalha de São Francisco, o serviço dos três padres e talvez a sepultura.¹⁴ Talvez também tenha tido gastos para preparar o corpo para o sepultamento. Segundo João Reis, o corpo era preparado para o enterro. Nesses preparos estavam os banhos nas pessoas falecidas, fazer a barba quando homens, cortar cabelos. Nesses ritos ligados à morte ocorreu uma fusão de tradições europeias e africanas. Nas duas tradições, a morte deveria ser planejada e o corpo preparado para o enterro. Os africanos incorporaram elementos portugueses e mantiveram alguns deles.¹⁵ Segundo Carlos Silva Junior, citando Vilhena, as covas dos escravizados eram rasas e comuns, e por isso os corpos se tornavam alvo dos animais. E nos Oitocentos esse tipo de cova perdurou para os escravizados.¹⁶

Sobre a outra norma, a de deixar missas ou mandar rezá-las para as almas dos escravizados, alguns senhores cumpriram-na. Nos Setecentos, alguns senhores já deixaram missas para as almas dos seus escravizados. Dentre estes estavam Feles de Andrade Maciel, morador do engenho Campinhos em Santa Luzia, que em 1786 deixou meia capela de missas para as almas dos seus escravos falecidos.¹⁷ Anos depois, em 1794, Escolástica de Almeida Mendonça, moradora de São Cristóvão, deixou cinco missas para este fim. Na centúria seguinte, em 1821, Maria

¹⁴ AGJSE, Cartório de Santo Amaro, Caixa 01/1764, 20/02/1816, inventariada: Rosa Benedita.

¹⁵ VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia. 1707*, pp.114-115. REIS, João J. *A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

¹⁶ SILVA Junior, Carlos Francisco. *Identidades afro-atlânticas*: Salvador, século XVIII (1700-1750). Salvador: UFBA, 2011. (Dissertação de Mestrado).p.171

¹⁷ AGJSE. Cartório de São Cristóvão, 1º OF Livros de Testamentos – Cx. 62 – Lv. 01 – pp.33-43, 4/10/1790. Testadora: Escolastica de Almeyda de Mendonça; AGJSE. Cartório de São Cristóvão, 1º OF Livros de Testamentos, Cx. 62 - Lv. 04 - pp.122-131, 6/12/1780; Testador: Felles de Andrade Maciel.

Acciovali, senhora do engenho Mato Grosso, em Santo Amaro, deixou no seu testamento que deveriam ser rezadas duas capelas de missa para as almas dos seus escravos falecidos.¹⁸ As Constituições mencionavam que deveria ser uma missa por escravo que tenha falecido. Por isso os senhores de engenho deixavam um número maior de missas, também porque podiam custeá-las.

Sobre os registros, em muitos deles não há referência se os sepultados nasceram no Brasil, sobretudo nos realizados no início dos Oitocentos. O primeiro africano registrado foi em 1802, uma mulher forra, a Luiza, classificada genericamente como africana.¹⁹ Pós 1813, percebe-se um aumento de homens e mulheres africanos sendo registrados, momento em que se modificam os padres que encomendavam as almas e que faziam os registros. Em 1812, assumiu a Freguesia o reverendo Gonçalo Pereira Coelho que permaneceu por cerca de vinte anos. Assim como nos batismos, os registros de óbitos também não apareceram no mesmo vasto leque de nações que nos inventários e muitos assentos possuem poucos dados. Entre 1802 e 1815, foram coletados 683 registros de óbitos de escravos, forros e dos seus filhos. Dentre eles, em 383 não há referência da nação. Acredito que uma parte deles eram africanos. Os africanos identificados correspondem a 7,66% dos sepultados que foi possível identificar a nação. Ver tabela 1:

¹⁸ AGJSE, Cartório de Santo de São Cristóvão, cx.02.68, 06/06/1821, Inventariada: Maria Acciovali.

¹⁹ Secretaria Paroquial de Santo Amaro, Livro nº1, registro de Luzia, 1802, p.1

Tabela 1- Nação dos enterrados – Santo Amaro (1802-1815)

	Africanos				Nascidos no Brasil				Sem informação				Inocentes sem dados		Total
	H ¹		M ²		H		M		H		M		E	F/L	
	E ³	F/L ⁴	E	F/L	E	F/L	E	F/L	E	F/L	E	F/L			
1802	-	-	-	1	1	-	4	2	3	-	-	-	2	1	13
1803	-	-	-	-	23	1	11	2	22	2	14	-	5	-	80
1804	-	-	-	-	4	-	1	-	13	-	11	2	7	-	38
1805	1	1	-	-	14	2	11	9	30	1	13	2	5	-	90
1806	1	-	-	-	19	2	11	2	54	-	35	1	11		136
1807	1	-	-	-	9	-	2	-	21	3	20	1	2	-	59
1808	-	-	-	-	6	-	1	1	12	-	11	-	2	-	33
1812	-	-	1	1	14	3	6	1	18	2	13	-	1	-	60
1813	5	1	2	-	14	10	9	7	38	5	20	1	-	1	113
1814	6	-	2	-	16	4	11	3	6	-	8	-	1	-	57
1815	-	-	-	-	1	-	-	1	1	-	-	-	-	-	3
Total	14	2	5	2	121	22	67	28	218	13	145	7	36	2	683

¹ Homens | ² Mulheres

³ Escravizados | ⁴ Forros e livres, as crianças crioulas filhas de pais libertos foram contabilizadas.

Fonte: Livros de óbito 1 da Paróquia de Santo Amaro (1802-1815)

Como se observa na tabela 1 foram registrados, entre 1802 e 1815, dezesseis homens e sete mulheres africanos. Entre 1802 e 1809, foram identificados cinco escravizados africanos: um angola, um benguela, um mina, um haussá e a citada Luiza africana forra. Em 1805, Pedro angola faleceu com vinte anos, quando ainda era um moço.²⁰ Nos demais não constava a idade, mas possivelmente chegaram em Santo Amaro no final dos Setecentos.

²⁰ Secretaria Paroquial de Santo Amaro, Livro nº1, registro de Pedro, 20/09/1805, p.49.

Percebe-se na tabela, um aumento de africanos entre o período de 1812 a 1814. Os 18 africanos identificados eram das nações citadas anteriormente acrescida dos jejes. A nação angola foi majoritária com 10 escravizados, correspondendo a 55,55% dos africanos. As idades dos angolas falecidos variaram de 30 a 70 anos. E eles foram seguidos pelos jejes (que), pois entre os quais identifiquei 5 homens e mulheres (27,78%). Apenas três desses registros faz menção à idade, dois foram classificados como velhos, um com noventa anos e outro com sessenta anos. Indiciando uma grande entrada dos jejes nos Setecentos. Informo que entre 1801 e 1820 a Vila de Santo Amaro era a que mais tinha escravizados jejes na Capitania de Sergipe.²¹

Boa parte das pessoas escravizadas ou forras e/ou livres que foram sepultadas no período eram nascidas no Brasil, cerca de 79,33%. E um aspecto que chama à atenção é o desequilíbrio entre as mulheres forras e os homens neste grupo. As mulheres nascidas no Brasil tiveram maior acesso que os homens e que as africanas. Entre os africanos houve um equilíbrio na conquista da alforria a mensurar pelos óbitos desse período.

Voltando às idades, as fases mais perigosas variavam de acordo com a nação, conforme a tabela abaixo:

²¹ SANTOS, Joceneide Cunha. *Negros(as) da Guiné e de Angola: Nações africanas em Sergipe (1720-1835)*. Salvador: UFBA, 2014. (Tese de Doutorado)

Tabela 2 - Idade dos homens e mulheres enterrados – Santo Amaro (1802-1815)

	Africanos				Nascidos no Brasil				Sem informação				Inocente sem dados		Total
	H		M		H		M		H		M				
	E	F/L	E	F/L	E	F/L	E	F/L	E	F/L	E	F/L	E	F/L	
1 a 7 dias	-	-	-	-	4	-	3	-	-	-	-	-	2	1	10
8a 10 dias	-	-	-	-	10	1	3	2	1	-	1	-	1	-	19
11 a 23 dias					3		2		1						6
1 mês a 7 anos	-	-	-	-	48	14	27	11	20	-	18	2	2	1	143
8 anos a 15 anos	-	-	-	-	3	3	1	3	8	-	2	-	-	-	18
16 anos a 35 anos	2	-	2	1	3	1	4	2	25	1	13	1	-	-	55
36 anos a 60 anos	3	1	2		5	1	2	1	9	1	14			-	38
Maiores que 60 anos	4	-	1	-	4	1	-	2	2	3	1	1	1	-	20
Sem dados	5	1	-	1	43	1	8	6	126	7	98	2	12	-	310
Adulto	-	-	-	-	-	-	-	-	5	-	1	-	4	-	10
Anjo	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	3	-	4
Inocente	-	-	-	-	-	-	15	2	19	2	-	-	11	1	50
	14	2	5	2	123	22	66	29	216	14	148	6	33	3	683

Fonte: Livros de óbito 1 da Paróquia de Santo Amaro (1802-1815)

Ao olhar para a tabela 2, percebe-se que as duas grandes fases em que morriam os africanos era de 16 a 35 anos e de 36 a 60 anos. Sobretudo até os quarenta anos, oito homens e mulheres morreram nessa fase. Ou seja, para alguns que chegaram nas terras brasileiras aos 28, 30 anos, a morte ocorreu logo após a sua chegada. As doenças mais comuns entre os escravizados são as do aparelho respiratório como: opilação, tosse, dentre outras. Dois desses escravizados faleceram de opilação e um com uma possível gripe. Os africanos depois de meses viajando em condições precárias ficavam ainda mais sujeitos a essas doenças. Outro

grande grupo era o de doenças ligadas ao aparelho digestivo como a maligna, calores do fígado, dentre outros. Homens e mulheres estavam sujeitos a padecerem desses males. Outro grupo eram as enfermidades ligadas ao aparelho circulatório como os inchaços. E ainda havia as associadas ao aparelho nervoso. Duas africanas faleceram de estupor, doença que tirava as sensibilidades e também causava certa paralisia. Miridan Falci identificou algumas mulheres escravizadas que faleceram com a mesma *causa mortis* no Brasil no decorrer dos Oitocentos.²²

Entre os nascidos no Brasil, a maioria morria até sete anos de idade. Entre as *causa mortis* estavam: o mal de sete dias, lombrigas, tuberculose, gripes, hidropsia, dentre outros. Havia ainda entre os falecidos, nascidos no Brasil e africanos que faleceram através de acidentes, afogados e envenenados por picadas de cobra.

Os locais dos enterros é algo revelador, pois é possível especular uma “geografia dos sepultamentos”. A maioria dos escravizados e forros nascidos no Brasil, bem como dos que não há referência, também foram enterrados na Capela do Rosário. E o segundo lugar mais utilizado foi a Capela de Nossa Senhora da Conceição, seguindo pela Matriz. Os outros templos foram Capela do Santo Antônio, em Maruim; Capela do Maruim, em Amparo (sede da Irmandade dos Pardos); Capela do Rosário, da povoação do Catete; Capelas de Nazareth e a Nazareth do Catete; Capelas de Santa Ana e Nossa Senhora da Boa Hora e da Missão. A Freguesia de Santo Amaro era grande e incluía várias povoações, bem como engenhos e, por isso, a existência de diversas capelas. Lembro que as duas Igrejas do Rosário eram sede de Irmandades do Rosário dos Homens Pretos. Da mesma forma que o batismo, os sepultamentos eram feitos em lugares diversos, incluído capelas particulares. Ver tabela 3:

²² FALCI, Miridan K. “Comparando a saúde e morte de mulheres escravas no século XIX no Brasil”. In: [HTTP://www.rj.anpuh.org/resources/2Ffj%2FAnais%2F2004%2FSimposios%2520Tematicos%2FMiridan%2520Britto%2520K%2520Falci.doc&ei=mNUdU6uLEMadkQeD64GwDw&usq=AFQjCNENRDtuyJgBk-9LSf23LxL8IyfOJA&bvm=bv.62578216.d.eW0](http://www.rj.anpuh.org/resources/2Ffj%2FAnais%2F2004%2FSimposios%2520Tematicos%2FMiridan%2520Britto%2520K%2520Falci.doc&ei=mNUdU6uLEMadkQeD64GwDw&usq=AFQjCNENRDtuyJgBk-9LSf23LxL8IyfOJA&bvm=bv.62578216.d.eW0) acessado no dia 14 de fevereiro de 2014.

Tabela 3 - Local dos Sepultamentos – Santo Amaro (1802-1815)

	Africanos				Nascidos no Brasil				Sem informação				Inocente sem dados		Total
	H		M		H		M		H		M		E	F/L	
	E	F/L	E	F/L	E	F/L	E	F/L	E	F/L	E	F/L			
Capela do Rosário da Vila	5	1	1	1	341	6	20	7	58	5	46	1	8	1	201
Capela do Rosário do Catete	2	-	-	-	3	7	4	4	12	1	9	1	-	-	43
Matriz	3	1	2	-	32	3	16	13	18	3	15	1	4	1	112
Capela de N ^{sa} S ^a da Conceição	-	-	-	-	26	1	11	1	56	-	42	-	5	-	144
(rasurado) e n/c	-	-	-	-	6	1	4	-	15	3	15	-	1	-	45
Capela Amparo	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	1	-	4
Capela Antônio de Maroim	-	-	1	-	-	-	-	2	2	-	1	-	1	-	7
Capela da Missão	1	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	3
Capela de N ^{sa} , S ^a , de Nazareth do Catete	-	-	-	-	-	2	-	1	5	-	2	1	1	-	12
Capela de Santa Anna	2	-	1	1	10	2	7	-	33	-	8	2	11	1	78
Capela de Santo Antônio	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2
Capela do Catete	-	-	-	-	-	-	-	1	2	-	1	-	-	-	4
Capela N. S ^a . da Boa Hora	-	-	-	-	3	-	3	-	7	-	3	-	-	-	16
Capela N ^{sa} S ^a de Nazareth	1	-	-	-	2	-	1	-	2	-	4	--	-	-	10
Outros	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2
Total	14	2	5	2	123	22	66	29	216	14	148	6	33	3	263

Fonte: Livros de óbito 1 da Paróquia de Santo Amaro (1802-1815)

Os africanos foram enterrados na Capela do Rosário e a maioria deles eram os angolas. Cerca de sete dos onze identificados como dessa nação foram sepultados no local citado, os demais foram enterrados na Capela de Santa Ana (2), um na Matriz outro na Capela do Santo Antônio do Maruim. Já entre os doze homens e mulheres africanos das demais nações, cinco africanos foram enterrados na Matriz, ou seja, a maioria. Seguidos por dois que foram enterrados na Capela do Rosário na Povoação do Rosário do Catete e a mesma quantidade na Capela de Santa Ana, e os demais na Capela de Nossa Senhora de Nazareth e na Missão dos Carmelitas.

Acredito que alguns escravos e/ou seus parentes tiveram a oportunidade de escolher(em) (a)onde queriam ser enterrados. Para outros, coube ao senhor escolher o destino final do defunto. Identifiquei alguns escravizados do mesmo senhor que foram enterrados em lugares distintos o que indic(i)a que o lugar do enterro foi uma escolha dos escravizados ou forros. Já outros escravizados foram sepultados nas propriedades que viviam ou possivelmente em lugar de preferência dos seus senhores. Tenente José Leandro enterrou no período seis escravizados em quatro lugares distintos, dentre eles foi: um inocente enterrado em 1804 na Capela do Rosário da Vila de Santo Amaro, João que foi sepultado na Capela de Nazareth; Clemencia na Capela rural de Santa Ana, por fim, Leandro, possível criança, filho legítimo de Vicente e Silveira na Capela do Rosário do Catete em 1806. Possivelmente sua propriedade era nas proximidades da citada povoação. Da mesma forma, os sete escravizados de Antônio Pinto de Resende foram sepultados em locais distintos, três no Rosário da Vila, um na Capela de Nossa Senhora da Conceição, um na Matriz e dois não há menção. Outro exemplo foram os 35 escravizados homens e mulheres do sargento Felipe Luís de Faro e que depois foi promovido a Capitão-mor. Dessas 35 pessoas sepultadas, 31 foram sepultados na Capela de Nossa Senhora da Conceição e os outros 4 na Capela do Rosário. As crianças e os africanos desse senhor foram batizados no Oratório da sua casa. Dessa forma, acredito que grande parte dos 31 escravizados sepultados na Capela da Conceição foi uma escolha do senhor, da mesma forma que o local dos batizados.

Já os quatro sepultados na Capela do Rosário possivelmente foi uma escolha dos sepultados.

As Constituições do Arcebispado da Bahia pregavam que as pessoas deviam ser enterradas nos locais que escolhessem, a capela, adros e/ou túmulos, incluindo os escravizados. Os padres e clérigos não deveriam mudar as escolhas ou tentar mudá-las. Sugere ainda que para aqueles que não escolheram se na condição de homens solteiros seriam enterrados junto aos seus pais ou avós, e as mulheres quando viúvas junto aos seus maridos. Quando casadas, o marido decidiria o local do sepultamento e as solteiras da mesma forma que os homens, junto aos pais ou avós. As Constituições ainda afirma que os fregueses, incluindo escravizados, fossem enterrados nas Igrejas dos santos de que fossem devotos. Os fregueses deveriam ainda serem sepultados em lugares cristãos e que outras pessoas tivessem acesso podendo assim se lembrar dos mortos para poder interceder em favor das almas que foram para o purgatório logo saírem.²³ Ou seja, a ideia de ficar entre os seus no pós-morte e de ter alguém que intercedesse por eles nesse momento.

Identifiquei quatro sepultamentos que foram realizados no adro das Capelas, dois na Capela do Rosário e os demais na Capela de Nossa Senhora da Boa Hora. Um deles foi Antônio Angola que em 1814 foi sepultado no adro da Capela do Rosário.²⁴ Dessa forma, todos que passavam pelo adro se lembrariam de rezar por ele. Em 1819, Caetana Maria do Espírito Santo foi enterrada na entrada da Capela do Rosário de São Cristóvão. Ela fazia parte da Irmandade do mesmo nome. Desejou usar hábito branco e ser acompanhada pelos irmãos.²⁵ Além do adro, outro lugar registrado foi no telheiro da Capela do Rosário. Soterio, que morreu com nove anos de *terra*, foi enterrado no local citado.²⁶

²³ VIDE, D. Sebastião Monteiro da. Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia. 1707, pp.295-296.

²⁴ Secretaria Paroquial de Santo Amaro, Livro nº1, 16/01/1814, registro de Antônio.

²⁵ AGJSE, Cartório de São Cristóvão 2º ofício, cx. 159, 19/08/1819, Inventariada: Caetana Maria do Espírito Santo. Inventário com testamento em anexo.

²⁶ Secretaria Paroquial de Santo Amaro, Livro nº1, 23/07/1813, registro de Soterio, p.150.

Para João José Reis, as pessoas se preparavam para a morte, assim, alguns escravizados tiveram tempo de explicitar onde queriam ser enterrados e com qual mortalha.²⁷ Por isso, libertos como Rosa Benedita e Caetana Maria do Espírito Santo fizeram seus testamentos e, com isso, além de explicitar onde e como queriam ser enterradas, também oficializaram como ficariam seus bens materiais, com quem tinham pendências financeiras e ainda com os destinos da vida de algumas pessoas como a de escravizados. Para isso serviam os testamentos.²⁸

Um aspecto importante era a roupa usada no sepultamento. João José Reis, ao pesquisar os testamentos, percebeu que a maioria utilizou a mortalha de São Francisco ou a branca. Rosa Benedita escolheu a mortalha do citado patriarca. A mesma que Rosa Maria do Espírito Santo, negra liberta, irmã do Rosário de São Cristóvão, também quis ser enterrada na Capela da sua Irmandade e solicitou dez missas. As missas, juntamente com a mortalha e o sepultamento custaram 75\$860 réis em 1812. Ela possivelmente também teve um cortejo com tochas, estandarte da Irmandade dentre outros elementos.²⁹

Para Reis, a mortalha de São Francisco significava a simplicidade cristã, bem como o seu cordão poderia ser usado para que os anjos tirassem as almas do purgatório. E, em Salvador, da mesma forma que em São Cristóvão, havia franciscanos que comercializavam essas roupas o que contribuiu para a sua popularização em Salvador. Em Santo Amaro poucos usaram essa mortalha. Uma explicação para o pequeno número de hábitos de santos é o fato de não existir muitas ordens religiosas, e comprar hábitos de santos não deveria ser tão fácil, embora uma opção para buscar proteção dos santos que os pais eram devotos era vestir-se com a cor dos mesmos. Amortalha mais citada nos registros

²⁷ REIS, João J. *A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.p. 92.

²⁸ AGJSE, Cartório de Santo Amaro, Inventariado *post mortem* de Rosa Benedicta, 20/02/1816, Caixa 01/1764; Testadora: Caetana Maria do Espírito Santo, cx. 159, 19.08.1819.

²⁹ AGJSE, Cartório de São Cristóvão 1º ofício, 01/07/1812cx. 4, Inventariada: Rosa Maria do Espírito Santo. Inventário com testamento em anexo.

foi a de cor branca, esse fato pode ter diversas explicações. Uma delas se refere ao branco como uma cor ritualística para muitas nações africanas, dentre elas os iorubás. No entanto, o branco era fúnebre para o mundo cristão também, simbolizaria a ressurreição de Cristo e foi a cor usada para envolvê-lo.³⁰ O branco também estava associado à pureza, mulheres ainda não casadas talvez fossem mais obrigadas a usar essa mortalha. Após terem sido casadas ou terem filhos usavam hábitos pretos. Em Santo Amaro, a mortalha mais usada foi a branca, mais de 50% dos defuntos usaram essa roupa, incluindo quatro africanos, um angola, um mina, um haussá e a africana forra Luiza. Para os demais não há referências.

Além das brancas identifiquei mortalhas azuis, roxas, amarelas, vermelhas ou encarnadas e preta. A vermelha foi mais usada para crianças, os chamados inocentes, a que possuía maior idade que usou essa mortalha foi Maria de José, de seis anos. Esta cor de roupa foi usada independentemente de ser menino ou menina. Novamente para Reis, esta cor está associada à fertilidade ou à perda dela, bem como é a cor que os padres usam no dia 28 de dezembro, dia em que se relembra a morte de crianças mandada ou ordenada por Herodes.³¹ Lembro ainda que as roupas das Nossas Senhoras, Conceição ou Rosário, possuem partes vermelhas e azuis. A segunda grande parcela, 43,77%, são os registros que não possuem referências da cor de hábitos utilizados.

Outro aspecto importante eram os sacramentos. Seis dos africanos sepultados tiveram acesso a todos os sacramentos, isso quer dizer que fizeram a penitência, e os demais passos que faziam parte da extrema unção, a confissão, comunhão e a unção com óleos. Quatro angolas, um benguela e um jeje foram enterrados na Matriz e Capela do Rosário. Talvez para os escravizados que residiam mais próximo da Vila, ou os que tinham maior acesso a esses templos, tiveram também maior acesso aos sacramentos. Alguns africanos julgavam importante esse sacramento,

³⁰ REIS, João J. *A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

³¹ REIS, João J. *A morte é uma festa...* pp.122-123

mas, sobretudo, tiveram tempo de preparar a sua partida. Além desses, mais 57 escravizados tiveram todos os sacramentos, uma minoria dos que foram enterrados. Muitos partiram sem a extrema unção, outros receberam a unção com os óleos, fizeram a comunhão e alguns apenas a penitência, incluindo os africanos.

Entre 1826 a 1835, cataloguei 702 registros, em 340 não há informações sobre a nação, se nascidos no Brasil ou no outro lado do Atlântico. E, nesses registros dos óbitos também não há referências aos hábitos usados nos sepultamentos dos homens e mulheres escravizados e forros. Na tabela 4 percebe-se melhor a distribuição de nações por ano.

Tabela 4 - Nação dos enterrados – Santo Amaro (1826-1835)

	Africanos				Nascidos no Brasil				Total
	Homens		Mulheres		Homens		Mulheres		
	Escravizados	Forros e livres	Escravizados	Forros e livres	Escravizados	Livres e forros	Escravizados	Livres e forros	
1826	1				5	2	1	1	10
1827	2	1	3		4	2	7	2	21
1828	9		3	1	9	6	6	5	39
1829	10	1	4		9	2	10	1	37
1830	13	2	6	1	24	8	24	4	82
1831	9		8	1	3	1	2	1	25
1832	3	2	3	1	21	4	20	9	63
1833	5		3		9	3	13	1	34
1834	3	2	8	1	14		7		35
1835	3				5		8		16
Total	58	8	38	5	103	28	98	24	362

Fonte: Livros de óbito 2 e 3 da Paróquia de Santo Amaro (1826-1835)

Dentre os registros em que há dados, 29,92% são africanos. Índice um pouco menor que o encontrado nos inventários do mesmo período, em torno de 34%. Dentre os africanos há os angolas, africanos e um Benguela. Entre 1826 e 1831, há registros de 8 mulheres e 18 homens angolas, o que corresponde a 36,11%, 1 benguela (1,39%), 28 homens e 17 mulheres africanos (62,5%). Dentre esses africanos possivelmente estavam os jejes, nagôs dentre outros. A exemplo de Brígida de nação

nagô, que no seu sepultamento foi chamada apenas de africana, era escravizada do afamado coronel José Rodrigues Dantas.³²

Oito mulheres e dezesseis homens angolas foram enterrados na tão citada Capela do Rosário, correspondendo a 92,31%. Apenas duas exceções, uma delas foi Justino, angola, com 20 anos, que em 1828 foi sepultado no Hospício da Missão. E José angola que no seu registro não há menção ao local em que foi sepultado. Ou seja, os angolas em sua maioria foram batizados, levaram seus filhos, talvez se casaram e também foram sepultados na Capela do Rosário. A capela do Rosário da Vila foi a preferida pelos angolas, e o segundo lugar mais procurado pelos crioulos e demais africanos. Essa capela nos Oitocentos era um espaço de trânsito de africanos, principalmente dos angolas e crioulos. Nesse ambiente eles batizavam, aqui casavam e alguns foram sepultados.

Entre 1826 e 1831, 27 africanos dos 45 identificados foram sepultados na Igreja Matriz de Santo Amaro, 14 na capela do Rosário da Vila e os demais nas Capelas da Povoação de Maruim e na Conceição. Da mesma forma que período anterior, os sepultamentos continuaram a ocorrer em diversos locais, alguns na sede da Vila, outros em povoações e ainda em capelas dos engenhos. Dentre os templos estavam a Igreja Matriz, as Capelas do Rosário da Vila e da povoação do Catete, as capelas de Maruim, Santa Ana, Nossa Senhora da Boa Hora e da Conceição, na Missão, dentre outros locais.

Escravizados de um mesmo senhor continuaram a ser sepultados em locais distintos. O que indica que esses escravizados e/ou sua família escolhiam o local do sepultamento, e indica também a existência de comunidades. Esses escravizados e forros sendo enterrados onde desejassem, parte dos seus estariam no sepultamento, bem como *descansariam* entre os seus parceiros de uma mesma nação.

Benedito, crioulo, filho de Caetana e Estevão, faleceu com dois meses e foi sepultado no Rosário no mesmo dia em que Cristina, africana, com 11 anos, que foi enterrada na Matriz, ambos ao coronel José

³² Secretaria Paroquial de Santo Amaro, livro de óbito n°2, 04/02/1829, registro de Brígida, p.58.

Rodrigues Dantas. Ou ainda Maria, recém nascida, filha de Damião e Francisca, que faleceu em 1831 e foi enterrada na Capela de Nossa Senhora da Boa Hora. No mesmo ano, Jorge, angola, faleceu com 40 anos e foi enterrado na Capela do Rosário. Ainda em 1831, faleceram Joana e Tomás, que foram enterrados respectivamente na Capela do Rosário, na povoação do Catete, e na Capela da Conceição. Os quatro últimos escravos citados pertenciam ao coronel Manoel Rollemberg.³³

Nesse período de 1826 a 1831, três mulheres africanas, um homem angola e três homens africanos eram forros. Os outros seis africanos, quatro homens e duas mulheres, entre 1832 e 1835 possuíam a mesma condição. Havia certo equilíbrio proporcional entre as mulheres e os homens forros africanos. Os nascidos no Brasil tiveram maior acesso à alforria que os africanos, e as mulheres um pouco mais que os homens.

Alguns homens e mulheres africanos continuaram falecendo desde sua chegada, e sem o batismo. Sobretudo os que chegaram quando ainda eram crianças. Em 1828, faleceu um *párvulo* que pertencia a Alferes José Inácio. Ou seja, a criança ainda não tinha nem sequer recebido um nome cristão. Dessa forma, alguns dos africanos foram enterrados sem terem sido batizados, ou seja, sem receber nenhum sacramento. Já outros receberam todos os sacramentos, incluídos na extrema unção. Nove africanos e um angola receberam todos os sacramentos, que nesse livro significava ter os seguintes: o batismo, a confirmação, comunhão, penitência, matrimônio para alguns e a extrema unção, seis destes eram escravos e os outros quatro forros. Os sacramentos foram mais acessíveis para os africanos forros, 30% deles tiveram todos os sacramentos e três deles se casaram. E 22 dos nascidos no Brasil e 24 escravizados e forros que não há informações sobre a nação também receberam todos os sacramentos. Alguns tinham recebido apenas o batismo, que eram crianças, outros o batismo e comunhão, e ainda batismo e penitência.

Um olhar sobre os óbitos também permite identificar as principais doenças de que morriam os escravizados no período, bem como a faixa

³³ Secretaria Paroquial de Santo Amaro, Livro nº2, 1831, registros de Maria, Jorge, Joana e Tomás, p.118v, 199v, 120v, 122v.

etária. Trinta homens e mulheres africanos morreram com idade entre 11 anos e 35 anos. E desses, dezoito com menos de 20 anos, ou seja, a idade a que muitos homens e mulheres africanos chegaram nas terras sergipanas. E alguns desses faleceram devido às sequelas das viagens realizadas, do interior até o litoral, os diversos dias no interior do navio e por fim à viagem de Salvador até Santo Amaro. Grande parte, doze no total, faleceu com maligna e problemas respiratórios, tosse, opilação, dentre outros. Cinco morreram com causas, no mínimo, suspeitas. Gonçalo morreu envenenado e Luiz afogado, ambos pertenciam ao mesmo senhor, José Lourenço de Mello.³⁴ Dois africanos faleceram de pancadas. Um deles, Guilherme, africano, pertencia ao sargento-mor Hermenegildo Telles e faleceu de pancadas, no contexto de revoltas dos nagôs na década de 1820. E esse senhor foi o que escapou de ser assassinado pelos nagôs na revolta de 1824.³⁵ É possível que esse escravizado fosse um dos envolvidos na revolta, ou ainda, esse senhor após a revolta acentuou os castigos e Guilherme recebeu um que o levou à morte. Por fim, a citada Brígida de nação nagô, que morreu de desgraça.³⁶

A segunda faixa estava entre 40 e 60 anos, 23 homens e mulheres morreram nesse intervalo. As doenças mais comuns foram a maligna e a opilação. Nos registros de dez pessoas sepultadas não há menção a idade, mas dois deles morreram de velhice. E nove africanos que faleceram tinham entre 70 e 120 anos, três deles morreram também de velhice e outra grande causa foi a citada maligna.

Outras doenças identificadas entre os africanos, a hidropsia (relacionada a inchaço nas pernas), varíola, hemorroidas, tuberculose, dentre outras. Segundo Karash, tuberculose, diarreia (maligna) e hidropsia estavam entre as maiores causas de morte dos africanos enterrados na Santa Casa de Misericórdia.³⁷

³⁴ Secretaria Paroquial de Santo Amaro, Livro n^o2, 1830 e 1831, registros de Gonsalo e Luis, pp.102 e 123v.

³⁵ Secretaria Paroquial de Santo Amaro, Livro n^o2, 1/11/1827, registro de Guilherme. p.30.

³⁶ Secretaria Paroquial de Santo Amaro, Livro n^o2, 04/02/1829, registro de Brígida, p.58.

³⁷ KARASH, Mary C. *A vida dos escravos: no Rio de Janeiro 1808-1850*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. pp.240-250.

Entre os nascidos no Brasil, a faixa etária mais perigosa era até os dois anos de idade, e 23 crianças morreram do mal de sete dias, o tétano. Outras 91 com até sete anos, e de diversas enfermidades como febres, bexigas, maligna, sarampo e tosse. Atingindo a idade dos sete anos, a mortalidade diminuía sensivelmente, apenas seis morreram entre 8 e 16 anos, e a maior causa foi a diarreia. Nove escravizados e forros nascidos no Brasil morreram entre 17 anos e 40 anos sem predominância de nenhuma doença. E com idades maiores de 60 anos, identifiquei 18 pessoas nascidas no Brasil, sendo 1/3 forras e/ou livres (crioulas filhas de libertas), tendo como as maiores causas de falecimento novamente a maligna, a hidropsia.

Analisando os registros entre 1826-1831, percebe-se que a fase mais perigosa para os africanos, ou seja, aquela que eles mais corriam risco de morte, era logo ao chegar no Brasil e os primeiros anos seguintes. As razões eram diversas, as más condições de viagem, ou ainda pelas dificuldades de viver na nova terra. Assim, muitos africanos faleciam na idade que estariam no auge da produtividade, já os nascidos no Brasil, a fase mais crítica era a infância.

No livro entre 1832 e 1835, os angolas desapareceram dos registros, nos assentos há menção apenas aos africanos, 20 homens e 17 mulheres africanos. Possivelmente a maioria desses africanos não eram angolas, não havia motivos para esconder a morte de angolas, sobretudo porque em boa parte dos que faleceram nesse período possivelmente já havia algum tempo que viviam em Santo Amaro. E defendo que os angolas eram facilmente identificados, seja por estarem entre as primeiras nações africanas que chegaram a Sergipe, por serem numerosos, ou ainda por terem conseguido (re) construir relações e possivelmente uma comunidade. Destes africanos identificados quatro homens e duas mulheres eram forros.

Como mencionei anteriormente nos óbitos, sobretudo pós 1832, também há a preocupação de camuflar as nações dos africanos sepultados, e por isso a classificação apenas como africano ou africana; isso ocorreu devido às legislações de proibições do tráfico. O leque de lugares em que ocorreram o sepultamento dos africanos continuou diverso.

Quinze homens e mulheres africanos foram enterrados na Matriz, uma inversão em relação aos períodos anteriores. Acredito que possivelmente boa parte desses eram de nação nagô. Ressalto que a entrada desses africanos em Santo Amaro ocorreu sobretudo pós 1828 quando é possível identifica-los nos batismos, momento que os angolas podem ter deixado de ser maioria nessa Vila. Uma possível diminuição dos angolas possibilitou uma redução no número de sepultamentos na capela do Rosário da Vila, apenas oito dos africanos, sete foram enterrados na Capela da Conceição, em três registros não há dados, um na Capela de Nossa da Boa Hora, um na do Amparo, e outro na Capela de Maruim.

Nesse período, os sepultamentos na Matriz foram majoritários também entre os nascidos no Brasil. Entre eles, 47 escravizados homens e mulheres, 9 forros e/ou livres foram sepultados nesse templo, bem como dois sem informações sobre a nação. Quiçá uma comunidade de homens e mulheres africanos e seus descendentes, distinta da que existia em torno da Capela do Rosário tenha surgido em torno da Matriz. Os registros desse período apontam uma maior diversidade de cores entre os nascidos no Brasil que nos períodos anteriores, cabras, mestiços, pardos e crioulos. E entre eles, 24 escravizados foram sepultados na Capela de Nossa Senhora da Conceição, 13 dentre os nascidos no Brasil e escravizados foram sepultados na Capela do Rosário e 7 livres e forros no mesmo local. E dois sem informação sobre a nação também foram inumados no Rosário.

Sobre as idades que esses africanos faleceram, sete homens e três mulheres tinham entre 16 anos e 30 anos. Possivelmente entre os que faleceram logo após a chegada, os homens eram ainda mais novos que as mulheres, alguns com 16-17 anos, e uma das mulheres faleceu de parto. Sete homens e mulheres tinham entre 30 e 40 anos e entre as causas de morte estavam o mal interno e a tuberculose. Anna teve uma morte diferenciada que possivelmente não permitiu um planejamento. Ela faleceu devido a algumas facadas que recebeu.³⁸ E o maior número

³⁸ Secretaria Paroquial de Santo Amaro, Livro de óbito nº3, registro de Anna, 02/08/1833, p.58.

de africanos estava entre os que possuíam mais de 40 anos, que faleceram das doenças já citadas. Eram 18 homens e mulheres africanos que tinham entre 40 anos e 100 anos. Lembro que essas idades eram as que os africanos representavam ter.

Ainda sobre as idades, 74 crianças faleceram com até sete anos de vida, e 64,35% dos escravizados e forros que nasceram no Brasil faleceram nessa fase. Dentre as doenças aparecem o mal de sete dias já citado, as bexigas, as febres e a já citada maligna. 1/3 das homens e mulheres forras tinham idades iguais ou superiores a 60 anos quando faleceram, os outros 2/3 eram crianças menores de seis anos. Ou seja, não havia grandes diferenças nas condições de vida no que concerne à saúde de crianças escravizadas e forras, mesmo porque as crianças forras eram filhas muitas vezes de um escravizado e/ou de uma escravizada. Dessa forma, ela continuava vivendo nas senzalas, com condições precárias de higiene e com alimentação deficiente. 17 escravizados nascidos no Brasil faleceram com idade superior a 40 anos, as razões foram doenças já conhecidas.

A Capela da Irmandade do Rosário da Vila de Santo Amaro tinha padres responsáveis para realizar os sacramentos, como o batismo e os sepultamentos. Devido a isso esses párocos conseguiam identificar as nações dos africanos, sobretudo os angolas que muito transitavam nessa Capela. O fato de existir um padre que majoritariamente realizava os ritos na Capela mostrava respeito por parte da Igreja para com a Irmandade, sua importância e uma organização da Irmandade que podia pagar o padre pelos seus serviços possivelmente em diversas ocasiões.

Ressalto que nesse período, 1802-1835, os cemitérios não eram frequentes na Província de Sergipe, e por isso as pessoas continuaram sendo enterradas no interior das Capelas, no entanto, em locais distintos, no adro, altar dentre outros. Os irmãos da Irmandade do Rosário de Vila Nova que assumissem o posto de presidente teriam um lugar privilegiado para ser enterrado no interior da Capela. Os demais seriam enterrados em diversos lugares na Capela.³⁹

³⁹ Torre do Tombo, Estatuto da Irmandade de Vila Nova. Correspondência da Mesa de Consciência e Ordens.

Dos africanos que foi possível identificar a nação, os angolas foram os majoritários nos registros de óbito da Freguesia de Santo Amaro, seguidos pelos jejes, hauças e minas.

As Capelas das Irmandades do Rosário dos Homens Pretos foram um espaço de trânsito de homens e mulheres escravos. E a de São Cristóvão bem como a de Santo Amaro se consagraram como um espaço dos africanos, sobretudo dos angolas. Nesse espaço muitos africanos e incluindo os angolas foram sepultados, evidenciando que esses africanos conseguiram (re)construir uma comunidade e mesmo após a morte queriam ficar entre os seus. E quiça em torno da Matriz africanos de outras nações construíram um espaço de sociabilidade, onde batizavam e enterravam os seus. Por fim, os óbitos, os poucos que restam para o período em Sergipe, permitem identificar algumas nações africanas que viveram em Sergipe, e são valiosos para estudar as doenças e penetrar na vivência dos homens e mulheres escravizados e forros.

Artigo recebido em 15 de maio de 2014.

Aprovado em 04 de junho de 2014.

